

O CONCEITO DE DESEJO EM FOUCAULT: SOBRE UMA POSSIBILIDADE DE RETOMADA DA VONTADE AUTÔNOMA INDIVIDUAL

DIRCEU ARNO KRÜGER JUNIOR (orientando)¹
PROF. DR. CLADEMIR LUÍS ARALDI (orientador)²

¹Universidade Federal de Pelotas – dirceu.junior@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) nunca estabeleceu um conceito definitivo acerca do desejo em sua obra, desta forma o autor apenas teceu enunciados acerca do que representaria a ideia do desejo em seus estudos filosóficos. O problema filosoficamente referente ao desejo permeia a História da Filosofia desde seus primórdios e estende-se na Contemporaneidade como um enigma, no que tange ao modo de como o indivíduo segmenta a sua vontade na tentativa de fixar-se no mundo e autoelaborar-se eticamente.

Foucault pode não ter conceituado o desejo em *stricto sensu*, entretanto, este desenvolveu enunciados que poderiam vir a promover uma reflexão do que seria especificado como o desejo em sua obra. De acordo com os estudos realizados por Foucault, existem três marcos históricos os quais são analisados como rupturas no que se corresponderia como o “acervo do desejo”: A) *aphrodisia* (no tocante à Antiguidade); B) carne (com base na formação do Estado Medieval); e C) sexualidade (relacionado ao prisma Moderno e Contemporâneo). Em uma breve elucubração em referência à problemática do desejo, Foucault (2016, p. 260) argumenta na aula de 1º de abril de 1981, do curso ministrado no *Collège de France: Subjetividade e Verdade* (1980-1981): “O desejo é mesmo efetivamente o que eu chamaria de o transcendental histórico a partir do qual podemos e devemos pensar a história da sexualidade.” Com base nas acepções foucaultianas, o desejo parece representar uma oportunidade do indivíduo de autogerir-se eticamente, como uma partícula interiorizada em sua subjetividade na tentativa de firmar-se como um sujeito ético e capaz de produzir sua própria epistemologia, isto é, sua couraça de verdade.

Ao evocar-se o ensino de formação de um indivíduo ético em Foucault necessita-se, simultaneamente, interpelar-se no que se referencia ao indivíduo político na abordagem do mesmo autor. Seria possível conceber o desejo a partir de uma moldura política? Em *Segurança, Território, População* (1977-1978) o autor defende o desejo como: “A produção do interesse coletivo” (FOUCAULT, 2008, p. 95) na categoria da população embasada pelo feixe da biopolítica: o desejo assume o aspecto de um emaranhado de interesses individuais que, aglutinados, formulariam e facilitariam a ascensão dos ditames biopolíticos de controle populacional e de recrudescimento dos capilares do poder.

A literatura, um dos recintos-chave para a exaltação do desejo em toda a sua dimensão, seria uma outra proposta na tentativa de articulação do desejo a partir do viés do saber literário que se estipularia como uma nuance capaz de explorar os entremeios recônditos referente ao desejo e a sua ação na compleição obscura do indivíduo. Para Foucault, em seus estudos sessentistas, este averigua o reflexo surreal e arrebatador do desejo esmiuçado nos escritos literários: como algo que perpassa a compreensão racionalizada e positivista humana: “Não a iluminação da consciência nem o repouso do desligamento, mas

a branca luz do saber e a inércia que deixa vaziar a violência anônima do desejo” (FOUCAULT, 2015, p. 25)¹.

Como um terceiro desdobramento, o desejo pressuporia um dos objetos ritualísticos que se compreenderia a metodologia do cuidado de si: o desejo proporciona uma técnica para a autoconstituição de si, onde o sujeito estaria comprometidamente envolvido no emoldurar-se como uma obra de arte, ao mesmo tempo em que engendraria um caminho para uma possível prática de liberdade e de produção de uma verdade sobreposta no arranjo conceitual do discurso. O cuidado de si, na ótica de Foucault, possui três demarcações históricas que documentam, em parte, a história da subjetividade individual. No curso *A Hermenêutica do Sujeito* (1981-1982), precisamente na aula de 17 de fevereiro de 1982, o autor francês constitui o que compreende como os: “marcos temporais” em referência ao cuidado de si: I) platônico (reminiscência); II) helenístico (autofinalização); e C) cristão (exegese e renúncia de si) (FOUCAULT, 2010, p. 231)². Em uma análise comparativa, os marcos históricos no que concerne ao *aphrodísia*, a carne e a sexualidade, são análogos aos paradigmas históricos que incrementam o cuidado de si: a reminiscência platônica, a autofinalização consagrada por Sêneca e a exegese e a renúncia de si em Tertuliano e Cassiano, corresponderiam a uma tentativa de se estruturar o conceito de desejo foucaultiano, tendo como respaldo as desinências críticas e históricas desenvolvidas pelo autor ao longo de sua vasta obra.

2. METODOLOGIA

O estudo analítico do conceito de desejo afigura-se como uma das investidas para se compreender esta problemática lacunar na obra de Foucault, tendo-se conhecimento do emaranhado de conjecturas expressadas pelo autor francês: “O sentido superficial e a significação profunda são produzidos em um conjunto específico de práticas históricas e só podem, portanto, ser compreendidos em termos dessas práticas” (RABINOW; DREYFUS, 2013). A necessidade de se circunscrever um marco histórico para se entender a localização da conceptualização do desejo em Foucault, demonstra-se como uma experimentação na oportunidade de se refletir acerca do que o desejo representa no aparato conceitual foucaultiano.

Um possível “marco zero” acerca do conceito desejo, na esfera teórica de Foucault, seria inaugurado com o filósofo medieval patrístico Santo Agostinho de Hipona (354-430). O recorte histórico partiria, também, de expoentes filosóficos da Modernidade como Baruch de Spinoza (1632-1677) e Étienne de Condillac (1714-1780). A análise se centraria em compreender como o desejo transmuta-se como uma experiência fixada pela memória (Santo Agostinho); “perseverança em si mesmo” (Spinoza); e “o desejo como a consciência da necessidade”

¹ Para uma análise mais aprofundada sobre a relação entre “Saber e Desejo” nos estudos realizados durante os anos 1960 por Foucault, acessar o texto “Um Saber Tão Cruel” (2015, p. 13-27) datado do ano de 1962 e presente no terceiro volume da compilação: *Ditos e Escritos: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*.

² Foucault examina com uma maior amplitude as determinações históricas que se referem ao cuidado de si na aula de 17 de fevereiro de 1982 (2010, p. 221-258), no terceiro curso ministrado no *Collège de France: A Hermenêutica do Sujeito* (1981-1982), onde discute acerca das similaridades tangentes às rupturas entre o platonismo, o helenismo e a cristandade. É necessário reafirmar que Foucault compreende a cristandade como flagrantemente cingida nos pressupostos teóricos helenísticos: os quais resultaram, no *corpus* cristão, como a renúncia do indivíduo a si próprio e delegando a sua autoconstituição a um diretor de consciência com a produção de verdade sendo articulada com base na revelação “concretizada” pela Providência Divina.

(Condillac). Sêneca (2014, p. 175) representaria um corte epistemológico que embasaria primariamente a tecnologia da direção de consciência do pré-cristianismo: o seu conceito de “pacto de mútua condescendência” materializaria uma possível justificativa na compreensão do desejo em sua nuclearidade política: pelo fato de que o interesse coletivo é produzido no escopo da biopolítica, a partir do entendimento de que a população condescende em sua corporeidade social e política a permitir perpassar-se, assim como seduzir-se, pelos arranjos do poder biopolítico e regulamentar³.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O “indivíduo dilapidado” é um constructo desenvolvido na tentativa de se interpretar o sujeito foucaultiano como em constante processo de dilapidação pelos mecanismos do poder: “É na intersecção desses dois processos, de subjetivação da atividade sexual e auto-objetificação, que, segundo Foucault, surge pela primeira vez, o desejo como um conceito autônomo” (LORENZINI, 2016, p. 143)⁴. À medida que se constitui eticamente, por tecnologias disponibilizadas pelos sistemas de poder, o indivíduo fragmenta-se como um modo de não reintegrar-se a si próprio, o que possibilitaria um alcance inesgotável e indiscriminado das categorias de poder na tentativa de sobrepujá-lo ao controle político e social.

O indivíduo dilapidado em Foucault intentaria, por meio do desejo, reintegrar-se a si próprio, e, paralelamente tentar consignar o procedimento de retomada de sua vontade autônoma, sendo esta cerceada e destituída de sua centralidade no indivíduo e em sua subjetividade: “O que o cristianismo inventou, o que ele introduziu na cultura antiga creio ter sido o princípio de uma veridicção sobre si mesmo por meio de uma hermenêutica do pensamento” (FOUCAULT, 2018, p. 131)⁵. Ou seja, provocando a sua dilapidação e a incapacidade deste de restabelecer-se em sua unicidade individual e autoconstituir-se como sujeito ético e capaz de empreender sua liberdade por meio de sua tecnologia de subjetivação: o desejo. O conceito de desejo foucaultiano seria a conjuntura antinômica do indivíduo de desembaraçar-se dos entrecruzamentos indeclináveis do poder, arquitetando a fantasia simbólica de sua liberdade a fim de “desemparedar-se” das engrenagens do poder.

³ A proposta de um “poder regulamentar”, o qual regula insidiosamente a vida biológica dos indivíduos no arcabouço da população (biopolítica), pode vir a ser observado na aula de 17 de março de 1976 (2010a, p. 201-222) do curso do *Collège de France: Em Defesa da Sociedade* (1975-1976), ministrado por Foucault de janeiro a março de 1976.

⁴ Trecho original em francês: “C’est au croisement de ces deux processus, de subjectivation de l’active sexuelle et d’objectivation de soi, que, d’après Foucault, émerge pour la première fois le désir en tant que notion autonome”.

⁵ Na aula de 6 de maio de 1981, integrada ao curso *Malfazer, Dizer Verdadeiro*, ministrado em 1981 na Universidade de Louvain na Bélgica por Foucault, o autor desenvolve a noção de “vontade autônoma” com base nos estudos de Cassiano (360-435) em sua obra *Instituições Cenobíticas*. A alegoria da vontade autônoma ceifada, segundo Foucault, encontra-se na ilustração composta por Cassiano acerca da crucificação de Jesus Cristo: que obteve sua vontade autônoma “ceifada”, quando imobilizado em sua cruz enquanto sofria o seu martírio. Para uma análise mais detalhada do estudo realizado por Foucault no que se refere à vontade autônoma, acessar a aula de 6 de maio de 1981 (2018, p.107-140) do curso de Louvain: *Malfazer, Dizer Verdadeiro*.

4. CONCLUSÕES

O conceito de desejo, como um artifício para a reintegração do indivíduo a si mesmo, seria uma experiência em relação a este no enfrentamento ante aos sistemas de poder que tentam assoberbá-lo, com a produção exacerbada de discursos e a absorção da “verdade hiperbólica” capaz de permitir o acesso irrestrito a subjetividade do sujeito.

A possibilidade de uma recuperação da vontade autônoma individual estaria assentada na compreensão de que o sujeito foucaultiano ambiciona uma reintegração de si próprio, para além dos sistemas de poder (Igreja, Fábrica, Polícia, Hospital Psiquiátrico, Escola), no que pretende emancipar-se para além dos ditames encapsuladores preponderados pelos mecanismos de poder. O desejo parece, em uma primeira instância, constituir a experiência individual de reintegração de si, da vontade autônoma, para além dos capilares das estratégias de poder, mesmo assim, parece inescapável ao indivíduo manter-se sutilmente nivelado, assim como apregoado, as amarras irrecusáveis dos chamados “macropoderes”.

Categoricamente, o desejo é premeditado na filosofia foucaultiana a partir de três configurações que interligam-se à cronologia dos estudos realizados por Foucault: 1) o desejo e o saber (anos 1960); 2) o desejo como artefato político (anos 1970); e C) o desejo como retomada da vontade autônoma individual (anos 1980).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, S. **Confissões**. 28 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- CONDILLAC, É. **Tratado das sensações**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território, população** (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **A hermenêutica do sujeito** (1981-1982). 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **Em defesa da sociedade** (1975-1976). 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.
- _____. Um saber tão cruel (1962). In: _____. **Ditos e escritos, vol. III: estética: literatura e pintura, música e cinema**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 13-27.
- _____. **Subjetividade e verdade** (1980-1981). São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- _____. **Malfazer, dizer verdadeiro: função da confissão em juízo: curso em Louvain**, 1981. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- LORENZINI, D.; BOEHRINGER, S. Le désir comme “transcendental historique” de l’histoire de la sexualité. In: LORENZINI, Daniele. **Foucault, lá sexualité, l’antiquité**. Paris: Éditions Kimé, 2016, p. 137-149.
- PLATÃO. **Diálogos: Fedro, cartas, o primeiro Alcibíades**. 2 ed. Belém: EDUFPA, 2007
- RABINOW, P; DREYFUS, H. L. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- SÊNECA, L. A. **Sobre a ira. Sobre a tranquilidade da alma: diálogos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.
- SPINOZA, B. **Ética**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.